

Olhar feminino no audiovisual em *Streaming*

Livia Fernanda Nery da Silva

Universidade Federal do Piauí, Teresina, Piauí, Brasil.

livianery02@gmail.com

Thânya dos Santos Araujo

Universidade Federal do Piauí, Teresina, Piauí, Brasil.

thanyamandy@hotmail.com

Resumo

Este trabalho objetiva evidenciar a importância do olhar feminino no audiovisual em streamings, na análise do filme *Mary Shelley*. Especificamente, pretende-se discutir sobre a dinâmica dos modos de transmissão de conteúdo audiovisual; compreender como essa dinâmica se reflete no cinema de mulheres; e analisar os discursos da cinebiografia *Mary Shelley*, disponibilizada na Netflix, traçando um paralelo com o papel do streaming nas protagonistas femininas na mídia. Para tanto, é feita uma Análise de Discurso Crítica com base em Fairclough (2001), através das categorias de análise discutidas por ele e por Bakhtin (2003), que são intertextualidade e pressuposição. Conclui-se que as produções com olhares femininos crescem notadamente nas plataformas de streaming e isso traz luz a história de mulheres até então despercebidas ao longo do tempo.

Palavras-chave: Cinebiografia *Mary Shelley*. Cinema feminino. Streaming.

Female gaze in audiovisual in streaming

Abstract

This work aims at highlighting the importance of the female gaze in audiovisual in streamings, by analyzing the movie *Mary Shelley*. Specifically, it aims at discussing on the dynamics on the modes of transmission of audiovisual content; comprehending how this dynamics is reflected on the cinema of women; and analyzing the discourses of the biopic *Mary Shelley*, available on Netflix, tracing a parallel with the role of the streaming in female protagonists in media. To do so, it is conducted a Critical Discourse Analysis based on Fairclough (2001), through the analysis categories discussed by him and Bakhtin (2003), which are intertextuality and presupposition. It is concluded that the productions on female gaze increase notably in streaming platforms and this brings light the the history of women who had been so far unnoticed.

Key words: *Mary Shelley* biopic. Female cinema. Streaming.

INTRODUÇÃO

Os modos de produção de sentidos na mídia estão entrelaçados com a cultura. À medida que a sociedade avança na tecnologia, inovações surgem no audiovisual e nos modos de transmissão midiáticos. Nesses avanços, surgiram os streamings e suas facilidades para os

consumidores, tais como assinaturas pagas a preços acessíveis, catálogo com variada oferta de produtos audiovisuais e que concede poder ao cliente, pois ele escolhe o que, quando e onde assistir.

Nesse contexto, o mundo midiático vive a cultura da convergência, na qual novos ambientes de mídia surgem e que acarretam um fluxo de conteúdos mais autônomos. Assim, a Netflix é uma plataforma que se destaca com inovações que contribuíram também para trazer luz sobre a produção de filmes com olhar feminino, como é o caso do filme aqui analisado. Trata-se da cinebiografia *Mary Shelley*, de 2017 que conta a história dessa mulher que é autora do livro *Frankenstein, ou o Prometeu Moderno* (1818), embora ainda seja uma autora desconhecida para muitas pessoas. Através de conversas informais com conhecidos, nota-se que embora o filme esteja disponível na plataforma, o alcance para conhecê-lo ainda é pouco.

De acordo com uma pesquisa feita no Centro de Estudo de Mulheres na Televisão e no Cinema da Universidade de San Diego, as mulheres estão em evidência no streaming. Os dados mostraram que os conteúdos dessas plataformas lançados entre 2019-2020 demonstram um número notadamente maior de mulheres protagonistas do que programas exibidos em outros canais de transmissão (TRAJAIKE, 2020).

Diante disso, a pesquisa partiu da seguinte indagação: De que forma os *streamings* contribuem para evidenciar a importância do olhar feminino sobre os filmes de mulheres? Em busca de respondê-la, questiona-se também: há mudanças no cinema de mulheres via *streaming* se comparado ao cinema tradicional? Quais discursos são produzidos em torno da protagonista feminina perante um olhar feminino?

Nesse contexto, este trabalho objetiva evidenciar a importância do olhar feminino no audiovisual em *streamings*, na análise do filme *Mary Shelley*. Especificamente, pretende-se discutir sobre a dinâmica dos modos de transmissão de conteúdo audiovisual; compreender como essa dinâmica se reflete no cinema de mulheres; e analisar os discursos da cinebiografia *Mary Shelley*, disponibilizada na Netflix, traçando um paralelo com o papel do *streaming* nas protagonistas femininas na mídia.

Desse modo, torna-se fundamental compreender os processos de transmissão dessa cinebiografia, que é dirigida por uma mulher árabe, que justifica o interesse por desenvolver esta obra pelo fato de se identificar com as lutas que a personagem trava, pois as duas se sentiram injustiçadas para exercer suas profissões.

Busca-se então as reflexões de autoras como Gubernikoff (2016), Holanda (2019) e do autor Stam (2003), que explanam sobre a teoria feminista do cinema; Hollinger (2020), que trata das cinebiografias femininas; ancora-se também em Jenkins (2009), ao abordar a cultura

da convergência midiática. Busca-se respostas para questões sobre a relevância do audiovisual disponibilizado por meio de *streaming* produzido por mulheres.

Partindo da pesquisa bibliográfica, o percurso metodológico ocorre através da Análise de Discurso Crítica com base em Fairclough (2001) e através das categorias de análise discutidas por ele e por Bakhtin (2003), que são intertextualidade e pressuposição, em relação aos discursos produzidos sobre a mulher no concílio entre o olhar feminino em audiovisuais e a dinâmica dos *streamings*.

DESENVOLVIMENTO

Streaming e as novas formas de consumir audiovisual

Com a popularização das *smart TVs*, uma nova dinâmica ocorreu no que se costumava entender por programação televisiva. O controle remoto está à disposição para não somente oferecer programas de entretenimento e noticiários em canais abertos, mas também para disponibilizar uma transformação cultural na veiculação de conteúdos de mídia.

Jenkins chama essa dinâmica de cultura da convergência, cuja terminologia intitula seu livro publicado em 2009. Ele constata que para que a convergência cultural ocorra, não é necessário um dispositivo de transmissão específico, pois há uma quebra de padrão:

Um deslocamento de conteúdo de mídia específico em direção a um conteúdo que flui por vários canais, em direção a uma elevada interdependência de sistemas de comunicação, em direção a múltiplos modos de acesso a conteúdos de mídia e em direção a relações cada vez mais complexas entre a mídia corporativa, de cima para baixo, e a cultura participativa, de baixo para cima (JENKINS, 2009, p. 325).

Por causa da internet, há uma ampliação na área das interações sociais. Agora é o momento do *streaming*, termo associado à tecnologia que significa transmissão de áudio e vídeo através da internet. Essa dinâmica de consumo de produtos midiáticos não se limita a TV, pois o *streaming* pode chegar ao indivíduo na palma de sua mão através de *smartphones* e *tablets*. As plataformas são diversas, desde gratuitos até aplicativos de acesso pago que disponibilizam ao cliente um amplo conteúdo midiático em diferentes segmentos: música (Spotify, Deezer), vídeo (Youtube), filmes e séries (Netflix, Globoplay, Prime Video).

Esse novo modo de consumir entretenimento não ocorre somente através da revolução dos dispositivos midiáticos, pois há uma transformação também no comportamento dos consumidores. Eles estão cada vez mais autônomos e providos de conhecimento, tal qual percebe Jenkins: “Consumidores estão aprendendo a utilizar as diferentes tecnologias para ter um controle mais completo sobre o fluxo da mídia e para interagir com outros consumidores (JENKINS, 2009, p. 47)”.

O autor acrescenta que através da cultura da convergência, velhas e novas mídias se encontram bem como dois tipos de poderes: o poder do produtor e o poder do consumidor. Ademais, esse encontro pode ocorrer de maneiras inesperadas, uma vez que os consumidores passam a atuar não somente como consumidores, mas também como cidadãos que participam dessa cultura.

Como constatado, o desenvolvimento das plataformas de *streaming* tem impactado o modo de produção e recepção de consumo de mídia. Almeja-se nesse contexto, ressaltar que esse desenvolvimento proporcionou também um avanço na exibição de filmes que contam histórias de mulheres.

Protagonismo feminino em produções audiovisuais em streaming

O olhar feminino sobre o cinema parte dos questionamentos sobre como esse meio de comunicação moldou as subjetividades femininas ao longo da história através do olhar do homem. Conforme Holanda (2019), embora muitas mulheres estivessem envolvidas com o audiovisual desde o início do século XX, grande parte das teorias críticas feministas do cinema ignorou esse fato.

Entretanto, foi a partir dessas teorias que surgiram reflexões sobre formas de resistência ao machismo cinematográfico, o qual era controlado pela visão que o homem tinha da mulher e a função dela era conceder prazer sexual a ele. De acordo com as feministas do audiovisual, a mulher era representada na tela com o estereótipo negativo, como objeto sexual, como interesseira e esse domínio masculino gerava instrumentos de identificação.

Gubernikoff (2016) percebe que a identificação se dá no processo de envolvimento da espectadora com a narrativa do filme e conseqüentemente, ela passa a desempenhar papéis de feminilidade impostos pela sexualidade masculina e por isso, sugere a necessidade de um olhar feminino como forma de contraponto ao olhar masculino. Esse contraponto ocorre através do olhar feminino na produção de filmes sobre mulheres: “O cinema produzido hoje em dia por mulheres é apenas o início de um processo delas começarem a se encarar como Sujeito, mas onde ainda está presente o condicionamento herdado de um passado opressor” (GUBERNIKOFF, 2016, p. 105).

Tratando-se de cinebiografias, percebe-se que houve uma predominância do olhar masculino. Hollinger (2020) observa que além de haver uma carência de cinebiografias femininas em relação às masculinas, as obras ainda falham em contar a história de mulheres que fizeram algo digno de ser narrado em audiovisual, pois essa narração ocorre de forma hostil, na qual não se considera uma celebração pelas conquistas que essas mulheres obtiveram.

Dessa forma, mulheres diretoras têm assumido esse olhar sobre mulheres que merecem ter suas histórias transmitidas à sociedade.

A autora classifica as cinebiografias em artistas de entretenimento, *headliners*¹, figuras políticas, figuras militares, artistas (pintores, escritores, compositores, escritores) e cientistas. Claramente Mary Shelley se enquadra na categoria de artista como escritora e isso traz relevância para a discussão desse trabalho, pois conforme Hollinger (2020), esse grupo de cinebiografias é dominado pelo masculino, embora haja devida notabilidade em escritoras e pintoras femininas.

De acordo com essa teórica, duas questões importantes circundam essa categoria: a primeira está relacionada a um apelo baseado no status cultural das obras do escritor ao público leitor delas; a segunda se trata de um estereótipo narrativo no qual cineastas abraçaram para retratar o processo de escrita dos autores personificados. Percebe-se um padrão básico que caracteriza o escritor sentado em uma mesa repleta de papéis, bastante furioso ao digitar sua máquina datilográfica e atualmente, seus computadores, enquanto as janelas estão abertas e ele ou ela passa a amassar diversos papéis e acertar na lixeira de forma frustrada e geralmente fumando um cigarro.

Ao trazer novas formas de inovar na representação desses artistas, Hollinger (2020), afirma que cineastas se empenham em evidenciar partes da vida privada dos protagonistas que reforcem um apelo emocional e dramático cinematograficamente. É o caso da cinebiografia aqui analisada na qual a diretora evidencia a vida de Mary Shelley ainda jovem até escrever seu livro célebre, destacando seu contexto familiar e as lutas e perdas que ela vivenciou.

Diante disso, a narrativa fílmica é envolta na sua plenitude por elementos intertextuais e de figuras de pressuposição, na qual a diretora dialoga suas observações e empatia pela personagem principal diante das injustiças que Haifaa se identifica com sua própria vida.

Nesse contexto, as plataformas de *streamings* se configuram como espaço de crescimento do cinema independente com o objetivo de dar voz à resistência, em especial, apresentar filmes dirigidos por mulheres. São espaços que buscam enfatizar questões de gênero que representam temas vivenciados socialmente.

A autora acrescenta que as cinebiografias de mulheres simbolizam um campo do cinema de mulheres que desperta atenção para elas mesmas, assim como as cinebiografias masculinas têm feito, ao representar as vidas de figuras notáveis consideradas exemplos de sucesso. Isso porque, apesar de serem retratadas como vítimas e com vida sofrida e que isso tenha

¹ *Headliners* são pessoas que se tornaram notícias por algum motivo, como criminosos, vítimas de crime ou doença, ativistas. Essa categoria costuma ser trabalhada em cinebiografias alinhada a algum problema social (HOLLINGER, 2020).

contribuído para tornar as cinebiografias populares, o que realmente desperta o interesse das espectadoras é a capacidade de a protagonista superar seu sofrimento e atingir uma vida de sucesso.

Uma cinebiografia se configura como um espaço de pesquisa que produz novos modos de apresentar a narrativa biográfica por meio de um discurso ficcional. Nessa narrativa, a diretora se aproxima da personagem e seus lugares podem ser trocados na relação entre a personagem de quem se fala e a diretora que fala dela (AUTOR, AUTOR, 2021).

Nesse âmbito, a narração biográfica reconstrói a história da protagonista que tem sido ignorada ao longo do tempo e na cinebiografia aqui discutida, os anseios, perturbações mentais que envolvem a heroína resultam no processo de escrita do seu livro que se tornou conhecido mundialmente.

O filme *Mary Shelley*

A cinebiografia é produzida por AMY Baer, Ruth Coady e Alan Monoley e dirigida por Haifaa al-Mansour, que também tem contribuição no roteiro escrito por Emma Jensen. A obra foi filmada em torno de seis semanas, na Irlanda e Luxemburgo, durante os meses de fevereiro e março de 2017. O filme narra a história da escritora Mary Shelley, autora de *Frankenstein, ou o Prometeu Moderno* (1818), um dos romances góticos mais renomados mundialmente.

Sua mãe Mary Wollstonecraft, considerada a pioneira no pensamento feminista e seu pai William Godwin, filósofo anarquista, são as influências de ideais radicais na vida de Mary, embora sua mãe tenha falecido poucos dias após seu nascimento. Logo, William casa novamente e Mary e sua madrasta não têm um bom relacionamento.

Aos 16 anos, conhece o poeta Percy Shelley e encantada com suas ideias de amor livre, decide fugir com ele, mesmo Percy sendo casado e com filhos. Claramente, o filme relata esse relacionamento conturbado, a ausência materna, posteriormente a perda de bebês e como todos esses ocorridos contribuem para a criação do monstro de Frankenstein.

Além disso, mostra a dor da protagonista na luta para publicar esse célebre livro com seu nome, pois diversas vezes ele foi recusado pelas editoras que consideravam inadequados para uma jovem moça os temas abordados nele.

O olhar sensível para contar a vida de Mary Shelley pertence à Haifaa, primeira diretora da Arábia Saudita e que precisou sair de seu país para conseguir exercer sua profissão. Ela afirma se identificar com a personagem, uma vez que as duas tiveram que lutar para ter suas vozes escutadas. Ela acredita que sua vida e de Mary possuem muitos paralelos e que a luta da personagem lhe causou tristeza e empatia (VOSCOPE, 2018).

Olhares da ADC e o audiovisual

Esta pesquisa adota a vertente dialética relacional da ADC, que tem como um dos principais representantes Norman Fairclough (2001). Sua proposta é voltada para a relação entre mudança no discurso e mudança social e o discurso é uma prática social para dar significado ao mundo.

Com o foco na compreensão de que o texto tem efeitos sociais que contribuem para mudanças sociais que vão além das relações desiguais de poder, sua abordagem é caracterizada a partir de três dimensões que compõem o discurso, que são, o texto, a prática discursiva e a prática social.

A dimensão textual equivale à etapa descritiva da análise que envolve os elementos vocabulário, gramática, coesão e estrutura textual enquanto a prática discursiva diz respeito aos processos de produção, distribuição e consumo de tais textos. Nesse momento, o autor apresenta o seu estudo sobre intertextualidade, categoria de análise dessa pesquisa.

Nessa linha de raciocínio, a força da palavra tem relação com o contexto no qual ela está inserida. A partir daí, é desenvolvida a categoria de intertextualidade que quer dizer as relações dialógicas que textos estabelecem com outros textos e podem expressar concordância, ironia e até mesmo uma discordância.

Dessa forma, no processo de intertextualidade, textos podem ser reelaborados e podem surgir novos textos a partir da percepção do que poderia ser dito e não foi e do que não deveria ter sido dito de uma determinada maneira, ou ainda, o que não deveria ter sido dito, conforme constata Resende e Ramalho: “A relação entre essas vozes pode ser harmônica, de cooperação, ou pode haver tensão entre o texto que relata e o texto relatado” (RESENDE e RAMALHO, 2019, p. 66).

Por fim, a última dimensão, prática social, o conceito de discurso é relacionado à ideologia e poder. Assim, não se trata somente de analisar textos, mas também analisar as relações entre esses textos, seus processos de interação e suas condições sociais de contexto (FAIRCLOUGH, 2001).

Em relação a esta dinâmica de dizer o mesmo enunciado, mas de outra forma do que foi dito, o que se denomina de pressuposição, tratando do que foi dito em outro lugar. Segundo Fairclough (2001, p. 155, grifo do autor), [...] são proposições que são tomadas pelo (a) produtor (a) como já estabelecidas ou ‘dadas’ [...].”

Ducrot (1987) complementa ao afirmar que a pressuposição se trata de uma proposição tomada pelo produtor do texto como algo determinado e que pertence ao sentido literal na sua completude. Nesse sentido, a pressuposição ocorre quando a intertextualidade liga um texto com outros textos que ocasionalmente podem ser notadamente imperceptíveis, um vazio que

ficou de algo dito em outro lugar.

Portanto, discurso indica movimento e pensar o streaming como campo discursivo é justamente pensar na fluidez dos conteúdos midiáticos que dinamizam as novas formas de transmissão e recepção do audiovisual e essa dinâmica provoca formas de identificação nos consumidores com esses conteúdos.

METODOLOGIA

Em primeiro lugar, é realizada uma pesquisa bibliográfica para fundamentar a pesquisa acerca da importância das produções audiovisuais com protagonismo feminino nas plataformas de streaming. Em seguida, é realizada uma Análise de Discurso Crítica com base em Fairclough (2001) com as categorias analíticas de intertextualidade e pressuposição para compreender os paralelos entre a diretora e a personagem da cinebiografia Mary Shelley e como esses paralelos coadunam na sociedade por meio da transmissão via *streaming*.

Para a efetivação da análise, o filme foi assistido com pausas para anotações sobre diálogos da personagem que evidenciavam as categorias ora pretendidas, tendo como suporte também biografias de Mary Shelley que concordam ou não com a tomada da narrativa da diretora.

Diante disso, foi feita uma pesquisa bibliográfica com mais autores que dão suporte a ADC, tais como Resende e Ramalho (2019) e Ducrot (1987). Considerando que há um ponto de vista feminino perante o filme, fez-se necessária uma análise feminina de cinema, com as autoras Gubernikoff (2016) e Hollinger (2020). Ainda, são abordadas as discussões de Bakhtin (1987) sobre cultura literária e cultura de massa e Jenkins (2009) que fala sobre a cultura da convergência.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após leitura das cenas escolhidas correlacionadas às categorias de análise, foi gerado um esquema para que de forma didática, sejam enfatizados os pontos principais da análise, desde os sujeitos envolvidos no filme bem como a trama que os envolve e as categorias aqui utilizadas de intertextualidade e pressuposição. A análise é realizada a partir desse esquema, separada pelos sujeitos e discursos do filme que evidenciam as categorias alinhadas às etapas da ADC de Fairclough (2001).

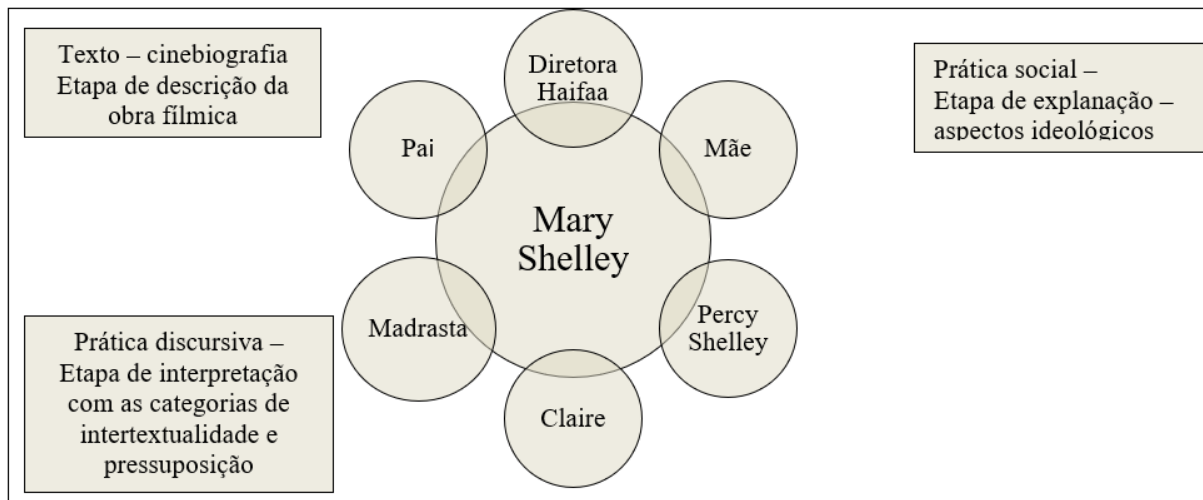


Figura 1 – Esquema da relação entre Mary Shelley com a diretora e personagens da cinebiografia
Fonte: As autoras (2023).

No processo discursivo do filme, a intertextualidade e a pressuposição em conjunto com a narrativa construída sob o ponto de vista da diretora, constroem novos modos de refletir sobre a história da personagem principal bem como sobre como esses modos repercutem na convergência midiática ao trazer luz de discussões de gênero aos espectadores. A partir disso, inicia-se a análise com as relações dialógicas entre a personagem e a diretora.

Mary Shelley e Haifaa

MARY SHELLEY E HAIFAA	
Elementos textuais	Diálogos entre Mary Shelley e demais personagens
Intertextualidade	Diretora em empatia com a personagem ao longo da narrativa
Pressuposição	Os discursos produzidos em torno de Mary provocam respostas na diretora sobre o que poderia se dizer, o que deixou de ser dito, como complemento em revolta perante o sofrimento da personagem
Prática social	Reflexões sobre a condição da personagem para publicar seu livro e trazer luz sobre os dilemas vividos por ela para atualidade

Quadro 1 – Relação diretora – personagem

Fonte: As autoras (2003)

Haifaa al-Mansour é a primeira mulher diretora da Arábia Saudita, local no qual ela encontrou muitas dificuldades para exercer sua profissão e por isso, seus trabalhos cinematográficos enfocam as lutas vivenciadas pela mulher na sociedade. Devido aos obstáculos que enfrentou para conquistar seu espaço, Haifaa se identifica com Mary Shelley e sua luta pelo reconhecimento da autoria da obra *Frankenstein*.

A cineasta toma as dores da personagem no decorrer da cinebiografia que são aqui categorizados para análise e sequenciados por personagem para análise, ao trabalhar relações dialógicas entre a história da personagem e sua própria visão de mundo, na busca de contestar,

reprofundar e afrontar os discursos produzidos em torno da narrativa.

Mary Shelley e Mary Wollstonecraft

MARY SHELLEY E SUA MÃE	
Elementos textuais	Diálogos de Mary Shelley sobre sua mãe
Intertextualidade	Mary é inspirada pela vida de sua mãe
Pressuposição	A diretora recria a relação não vivida entre mãe e filha, de forma que a personagem sempre menciona a figura materna
Prática social	Reflexões sobre a personagem órfã que traz à memória as ações de sua mãe e sua admiração por ela

Quadro 2 – Relação filha – mãe

Fonte: As autoras (2003)

Embora Mary Shelley não tenha conhecido sua mãe, pois ela faleceu poucos dias após seu nascimento, tinha profunda admiração por ela, pelos seus ideais revolucionários, seus escritos e seu modo de viver. Mary Wollstonecraft Godwin se tornou conhecida pela sua obra mais famosa, *Uma Vindicação dos Direitos dos Homens* (1790) e *Uma Vindicação dos Direitos da Mulher* (1792).

Mary frequentemente lia as obras de sua mãe, onde buscava inspiração e tinha como local preferido de leitura, seu túmulo, o qual ela considerava um santuário. Além disso, a mãe da jovem não era casada com seu pai quando ela nasceu, pois ansiavam ideais revolucionários e se rebelavam contra as instituições comuns na sociedade, como o casamento.

Porém, após a mãe engravidar de Mary, seus pais oficializaram a união para preservar a reputação da filha recém-nascida. Ainda assim, Wollstonecraft rejeitava as atividades de dona de casa, priorizando suas ideias baseadas na filosofia feminista. Nesse contexto de menina órfã e posteriormente, uma enteada, Mary cresce com uma imagem conturbada da figura materna, tendo como única alternativa, uma fuga para o mundo da imaginação através de seus livros e de seus escritos (SAMPSON, 2018).

Além disso, a diretora evidencia claramente as relações intertextuais envoltas nos papéis de mãe e filha, pois mesmo sem crescer com a presença da mãe, Mary é inspirada pelo que lhe contavam sobre ela e buscava estar sempre em concordância com as suas atitudes rebeldes para a época.

De acordo com Bakhtin, as características do ser humano não são valoradas por ele mesmo, pois a determinação desse valor toma como base a vida já dada e valorada e as ações não surgem nele mesmo, mas como forma de dar continuidade a essas ações:

[...] (no sentido estrito da linhagem-povo, do gênero humano. Na pergunta: “Quem sou?” ouve-se a pergunta: “Quem são meus pais, qual é a minha

genealogia?") Eu só posso ser o que essencialmente sou; não posso renegar o meu essencial já-ser, porquanto ele pertence não a mim mas à minha mãe, ao meu pai, ao gênero, ao povo, à humanidade (BAKHTIN, 2003, pp. 163-164, grifos do autor).

Entre todos os relatos a respeito de sua mãe que Mary escutava e lia, a personagem responde aos acontecimentos maternos através de sua própria história de vida que no audiovisual estudado, a diretora caracteriza a intertextualidade da relação mãe e filha com seu próprio olhar feminino sobre o filme e projeta a protagonista como uma nova versão Wollstonecraft, como uma forma de homenagem a esse relacionamento não vivido, sempre enfatizando a admiração da protagonista pela mãe e defendendo-a com unhas e dentes, como exemplo na tentativa de defendê-la da madrasta.

Mary Shelley e William Godwin

MARY SHELLEY E SEU PAI	
Elementos textuais	Diálogos entre pai e filha sobre ela encontrar a própria voz
Intertextualidade	Olhar da diretora na reconstrução da relação entre pai e filha
Pressuposição	Sr. Godwin era um anarquista que incentivava a admiração de Mary pela falecida mãe, mas não queria a mesma vida para a filha. Também priorizava a relação com a madrasta
Prática social	Reflexões sobre contradições no pensamento do pai e práticas relacionadas à educação de Mary

Quadro 3 – Relação filha – pai.

Fonte: As autoras (2003)

William Godwin foi um ateu radical, revolucionário social, filósofo anarquista. Ficou viúvo logo após o nascimento de Mary Shelley e a criou com ajuda de parentes e posteriormente, casou-se novamente dando uma madrasta a filha. Embora fosse um crítico dos costumes conservadores da época, na prática, afirmava os cuidados da criança e do lar deviam ser realizados por uma mulher e se considerava ser a pessoa mais incapaz de cuidar de uma criança.

Talvez devido ao fato de que a nova esposa fosse bem diferente da falecida mãe, o Sr. Godwin passou a ter diferentes visões da vida. Anteriormente declarava ser contra o casamento, considerado uma prisão, após a filha crescer não aprova as atitudes inspiradas em Mary Wollstonecraft, como quando a filha decide fugir com o namorado Percy Shelley.

Entretanto, foi um grande incentivador em preservar as memórias da falecida mãe de Mary, inclusive ensinou a filha a ler ao fazê-la traçar as letras do nome da mãe em seu túmulo, encorajando-a a ler muitos livros e crescer em um ambiente cultural e intelectual.

A reconstrução da diretora sobre a relação pai e filha é feita por algumas intervenções, a exemplo de quando Mary é enviada a Escócia para a casa do Sr. Baxter, um amigo do Sr.

Godwin, logo após uma grave discussão com a madrasta em que o pai diz para a filha que ela vai passar uma temporada fora para encontrar sua própria voz para escrever, pois de acordo com ele, os escritos da filha não passavam de um plágio do que ela lia.

Porém, as biografias sobre a autora revelam que ela foi enviada a Escócia para tratar problemas de saúde e também na tentativa do pai novamente estar isento da criação da filha, pedindo ao amigo que eduque a jovem através dos hábitos da família Baxter para fortalecer e dignificar a personalidade de Mary.

Pressupõe-se através da cinebiografia que apesar do amor do pai pela filha, o Sr. Godwin buscava viver em harmonia com a atual esposa. Uma vez que ele via a filha como uma mini Wollstonecraft, tentava desenvolver em Mary novos valores e virtudes diferentes dos que ele mesmo permitiu a jovem aprender na infância.

Mary Shelley e Sra. Godwin

MARY SHELLEY E SUA MADRASTA	
Elementos textuais	Vocabulários da madrasta que provocam Mary
Intertextualidade	Diretora e personagem defendem a mãe e reconstróem a figura da madrasta como a bruxa má dos contos de fadas
Pressuposição	Figura da madrasta má dos contos de fada; Pressuposições da madrasta em torno da mãe de Mary; Pressuposição de empatia da diretora pela protagonista
Prática social	Reflexões sobre as relações conflituosas entre madrasta-enteada

Quadro 4 – Relação enteada – madrasta.

Fonte: As autoras (2003)

Mary Shelley cresceu sem a presença da mãe e a figura de sua madrasta, a Sra. Godwin, lhe provocava horror e ciúme. Nessa relação, a intertextualidade entre a diretora e personagem é marcante, pois as cenas entre Mary e a madrasta trazem a memória os contos de fada nos quais a princesa cresce sem a mãe e sofre nas mãos da esposa do pai retratada como a bruxa má.

Outra questão tem a ver com a filha da Sra. Godwin, Claire, de outro relacionamento e que tinha a mesma faixa etária de Mary. Sampson (2018) relata que Mary era privada de privilégios que somente eram oferecidos a Claire, a exemplificar, aulas de música concedidas apenas para ela.

Diante disso, pode-se pressupor que a madrasta de Mary detinha uma raiva da mãe dela e também da própria Mary. Afinal, a Sra. Godwin vivia uma vida de senhora casada recatada ao passo que a mãe de Mary era uma feminista com muitas aventuras românticas e em meio a esse contexto, a madrasta percebia que sua enteada estava a dar os mesmos passos que a mãe dela.

Há uma clara postura de Haifaa também juntamente com a protagonista na tentativa de defender a mãe de Mary nas vezes que a madrasta lhe provoca usando o nome da figura materna que tanto ela tinha apreço. Dessa forma, está pressuposta uma empatia da diretora na construção da personagem que sente o sofrimento juntamente com ela.

Em uma discussão entre madrasta e enteada, a Sra. Godwin aborrece Mary ao dizer que pelo menos ela não herdou da mãe dela uma impulsividade tola que confundia desgraça com emancipação. Entretanto, não há relato que comprove se a atual esposa do Sr. Godwin esteve em contato com a mãe da protagonista e isso permite constatar uma pressuposição feita pela madrasta em relação à mãe da jovem: do que provavelmente ouviu falar sobre Mary Wollstonecraft, a madrasta pressupõe que ela tenha sido impulsiva ao tomar decisões erradas, consideradas pela falecida como libertadoras, enquanto para a Sra. Godwin, não passava de uma vida repleta de infortúnios.

Mary Shelley e Percy Shelley

MARY SHELLEY E SEU ESPOSO	
Elementos textuais	Termos contemporâneos agregados aos diálogos entre o casal: “gênero”
Intertextualidade	A diretora reconstrói uma repugnância da personagem quando acontece o poliamor entre o casal
Pressuposição	A diretora assume uma postura romântica do casal, embora traga uma discussão no clímax da história, como um estereótipo de filmes românticos que no final, o esposo reaparece como o príncipe que faz as pazes com a mocinha
Prática social	Reflexões sobre casamento, traição e apoio conjugal

Quadro 5 – Relação esposa – esposo.

Fonte: As autoras (2003)

No relacionamento de Mary com seu esposo Percy, a diretora também constrói uma intertextualidade. O jovem era adepto a uma vida de libertinagem, vivia o amor livre e Mary fica encantada com o estilo de vida dele. Entretanto, na prática, a personagem lida com esse estilo de vida de forma diferente. Há um momento no filme em que um amigo de Percy chamado Sr. Thomas Jefferson Hogg propõe a Mary um caso de amor e ela fica indignada com a proposta. Posteriormente, quando ela relata o ocorrido a seu esposo, ele a chama de hipócrita e reprova sua atitude, aconselhando-a a aderir ao poliamor.

Essa indignação de Mary é uma marca de intertextualidade entre ela e a diretora que reconstrói esse momento como algo inaceitável, pois está pressuposto que a proposta do amigo de Percy lhe causou repugnância e isso lhe provocou uma contradição na narrativa.

Há uma pressuposição de que Haifaa não aprovou a atitude do Sr. Hogg do esposo de Mary, uma vez que isso não está totalmente de acordo com as biografias da escritora. Na verdade, a biografia escrita por Sampson (2018) revela que tanto ele quanto Percy eram

discípulos do pai de Mary, mas na cinebiografia, seu amigo só aparece depois que Percy e Mary passam a morar juntos.

Outro contraponto relacionado ao Sr. Hogg é referente à indignação de Mary diante do flerte dele para com ela, pois de acordo com Sampson (2018), a protagonista responde ao flerte por tentar seguir a filosofia do amor livre e, também talvez para usar o rapaz em um jogo de competitividade com Percy. Por exemplo, quando ele passa à noite fora com Claire, Mary envia a Hogg algumas mechas de seu cabelo e lhe diz que seu afeto pelo rapaz, embora não seja correspondido como ele deseja, cresce a cada dia.

Sobre o processo de escrita, as biografias evidenciam que Percy incentivava arduamente Mary a escrever *Frankenstein* bem como outros textos pertencentes a ela e o sentimento era mútuo, pois o casal apoiava um ao outro, fazendo críticas e sugestões nos manuscritos de cada um.

Nesse contexto, Haifaa entra em concordância com as biografias, uma vez que o esposo de Mary incentiva a amada a ser uma escritora. A exemplificar uma cena de um jantar na casa do casal juntamente com Claire e o convidado Hogg, onde Hogg pergunta a Mary se ela também escreve e ela responde de forma subestimada, que sim, mas nada comparado aos pais dela. Nesse momento, Percy declara que em breve sua esposa escreverá algo que superará todos eles.

Entretanto, a diretora está em intertextualidade com os discursos do casal de forma contraditória quase no desfecho do filme. Isso ocorre quando Mary finaliza sua obra célebre e tenta publicá-lo, recebendo uma resposta negativa de cada editora pelo fato do livro *Frankenstein* tratar de assuntos considerados inapropriados para uma jovem moça. Até que uma editora decide publicá-lo contanto que seu esposo assine o prefácio.

O problema de Percy assinar o prefácio é que todo o público iria pensar que a autoria do livro pertenceria a ele e quando ela comenta isso com ele, Percy diz que o importante é que seja publicado. A reação de Mary diante da fala de seu esposo é de indignação, pois para ela, estava pressuposto que Percy acreditaria que o gênero dela atrapalharia o sucesso da obra, ou seja, quando todos descobrissem que a autora de *Frankenstein* era uma mulher, o livro seria fadado ao fracasso.

Essa problemática é crucial para compreender a relação intertextual entre a diretora e personagem. Haifaa reconstrói um discurso do século XIX e o configura para o século XXI, pois naquele tempo, não havia discussão sobre o termo gênero de forma propriamente teórica, sendo isso uma marca própria da diretora no filme. De fato, as questões de gênero só passaram a ser discutidas com veemência no final da década de 1960 (LOURO, 2017).

A utilização desse termo reflete o que Ramalho e Resende (2019) discutem acerca da

linguagem aplicada como prática social, onde há uma relação de duplo vínculo entre discurso e sociedade: o discurso é adequado pela estrutura social ao mesmo tempo em que é parte integrante dela.

O final da cinebiografia traz Percy como herói que anuncia de forma pública que Mary é a verdadeira autora de Frankenstein. Porém, não há relato biográfico sobre esse episódio, o que denota uma intertextualidade recriada pela diretora, na busca de conceder os créditos de autenticidade da obra para Mary e também de que mais uma vez, há um elo com os contos de fadas nos quais o herói salva a amada.

Mary Shelley e Claire

MARY SHELLEY E SUA IRMÃ DE CONSIDERAÇÃO	
Elementos textuais	Diálogos fraternais contrários às tensões reveladas pelas imagens, olhares, desconfiança, desconforto entre as irmãs
Intertextualidade	Reconstrução da personagem Claire como desesperada por atenção, competitiva com Mary
Pressuposição	Pressupõe-se que a diretora toma as dores e sente o ciúme de Claire juntamente com Mary
Prática social	Reflexões sobre o relacionamento de irmãos na infância e vida adulta e como são guiados pela forma que são tratados pelos pais

Quadro 6 – Relação de irmãs.

Fonte: As autoras (2003)

Quando casou com o Sr. Godwin, a madrasta de Mary já tinha uma filha chamada Claire e as duas cresceram juntas. O relacionamento de irmãs segue de acordo com a biografia, pois tanto o filme quanto os escritos sobre Mary apresentam as duas de forma unida, ainda que a Sra. Godwin fizesse distinção entre elas ao priorizar sua filha biológica.

Porém, Claire é também apresentada como uma intrusa no relacionamento com Percy e muitas vezes, gerava um incômodo em Mary. No momento em que o casal foge para viver juntos, Claire pede para ir com eles. Porém, não há uma confirmação nas biografias da escritora se foi de fato um pedido da meia-irmã ou um convite do casal.

Há uma intertextualidade presente na construção da personagem em que a diretora escolhe retratar esse episódio como um pedido, ao passo que é possível perceber também uma pressuposição de que a diretora assim o faz como forma de evidenciar que Claire realmente se tornou um incômodo para Mary. Como evidencia Sampson (2018), embora elas fossem próximas, Claire passa a ser a rival sexual da esposa de Percy. Para Mary, as noites passam a ser enfadonhas quando se tornou comum Claire acordar o casal na madrugada devido a seus pesadelos constantes e isso é destacado em uma cena do filme.

CONSIDERAÇÕES

A internet e os *streamings* têm destravado obstáculos nas formas de transmissão de audiovisual, atingindo modos de produção de filmes, séries e convergindo com a grande mídia cinema e a as formas de consumo de produto televisivo de modo geral. Os consumidores midiáticos hoje são ativos e críticos do que consomem. Nesse pensamento, a Netflix entendeu as demandas do público e inova na transmissão de conteúdos, na compreensão da representatividade do protagonismo feminino no audiovisual.

Com esse intuito, a cinebiografia *Mary Shelley*, disponibilizada nessa plataforma, foi objeto de estudo dessa pesquisa na qual foi possível perceber como ocorre uma dinâmica nas transmissões de audiovisual. O *streaming* se configura como um porta-voz de filmes que contam história de mulheres com olhares de mulheres.

Mary Shelley é representada por um olhar feminino da diretora Haifaa al-Mansour, que toma para si todas as lutas sofridas pela jovem autora e seu olhar revela um diálogo entre diretora e personagem, na qual ela concorda com o que Mary diz, ora discorda dos discursos produzidos, ora contrapõe. Por fim, essa dinâmica revela a força e responsabilidade do olhar feminino ao dirigir a cinebiografia da célebre autora do monstro de *Frankenstein*.

Diante disso, foi possível constatar, após a análise, algumas observações perante as intertextualidades e pressuposições encontradas nesse audiovisual:

- Há uma reconstrução da relação não vivida de mãe e filha (Mary Shelley e Mary Wollstonecraft), sendo um vínculo muito forte entre elas e a diretora;
- Possivelmente, a narrativa da cinebiografia deixa de lado o trabalho da jovem escritora e coloca como prioridade sua vida romântica, tomando a forma estereotipada das tramas que se enquadram nas fórmulas de amor hollywoodianas;
- O famoso jargão, “Faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço”, é evidenciado no relacionamento entre o Sr. Godwin e Mary, pois ela era inspirada pelos ideais revolucionários dele e de sua falecida mãe, mas na prática, o pai desejava que a filha tivesse uma vida familiar tradicional e conservadora;
- O relacionamento entre pai e filha narrado na cinebiografia revela uma falha na educação da jovem, pois uma vez que ele almejava a filha a inteligência herdada dele e de sua mãe, também desejava uma educação conservadora. Entretanto, “lavou as mãos” e levou essa responsabilidade para um amigo da Escócia;
- As biografias sobre Mary Shelley revelam um relacionamento nada amigável entre ela e sua madrasta e na narrativa isso é demasiadamente apresentado, ao ponto de se enxergar a madrasta como a bruxa má estereotipada dos contos de fadas;

- A narrativa do audiovisual também revela um relacionamento conturbado entre Mary e Percy Shelley, no qual ela era inspirada pelo estilo de vida do amado, sendo ele contra matrimônios e adepto ao amor livre, mas na prática a jovem se decepciona e pressupõe-se que no fundo, ela somente queria ser amada e ora se revela como a esposa submissa;
- O relacionamento de Mary com seu esposo é perturbado por Claire, que é apresentada como uma jovem desesperada por atenção e por estar sempre com o casal, mas ao mesmo tempo, Mary não permite que isso abale o relacionamento entre irmãs, o que deixa pressuposta uma virtude paciente da protagonista.

Portanto, os *streamings* funcionam como novas formas de trazer luz às discussões sobre o papel da mulher na sociedade, suas lutas, seus relacionamentos amorosos, sua vida profissional. E nesse contexto, a exibição da cinebiografia de Mary Shelley põe em evidência a autora que esteve escondida por muito tempo atrás de sua obra Frankenstein. Juntamente com Netflix, a diretora, a atriz que interpreta Mary e a equipe como um todo por trás da câmera colaboram para desvendar uma notável figura que merece ter concedidos seus créditos da autoria desse célebre livro.

REFERÊNCIAS

- AUTOR; AUTOR A interação autor-personagem na cinebiografia Mary Shelley (2017): Percepções de Bakhtin em torno da análise de discurso filmica. In: **Fluxos discursivos na sociedade em rede**. MOURA, J. B de; MAGALHÃES, F. L. J. (org.). São Carlos: Pedro e João, 2021. P 199-216.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Campinas, SP: Pontes, 1987.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: UNB, 2001.
- GUBERNIKOFF, G. **Cinema, identidade e feminismo**. São Paulo: Pontocom, 2016.
- HOLANDA, K.(org.). **Mulheres de cinema**. Rio de Janeiro: Numa, 2019.
- HOLLINGER, K. **Biopics of women**. London and New York: Routledge, 2020.
- JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.
- LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: Uma pepectiva pós-estruturalista..** Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- MARY Shelley. Direção de Haifaa al-Mansour. Filme do Estúdio Luxembourg. Luxemburgo: 2017. Brasil: Netflix, 2018. Versão restaurada digitalmente, 2019. [DVD]. (120 minutos),

colorido.

RESENDE, V; RAMALHO, V. **Análise de Discurso Crítica**. São Paulo: Contexto, 2019.

SAMPSON, F. **In search of Mary Shelley**. New York: Pegasus Book, 2018.

SILVA, Dirceu Lemos. Netflix: o serviço que mudou a forma de produzir e consumir entretenimento audiovisual. **Revista Comunicare**, vol 18, ed 2, 2018.

TRAJAIKE, L. As mulheres estão em alta no streaming, revela pesquisa. **Canal tech**, 2020. Disponível em: <<https://canaltech.com.br/entretenimento/as-mulheres-estao-em-alta-no-streaming-revela-pesquisa-171535/>>. Acesso em: 02. 02. 2023.

VOSCOPE. **Mary Shelley**. França, 2018. Disponível em: <<https://www.vocable.fr/images/enseignants/voscopes/voscope-mary-shelley.pdf>>. Acesso em: 16. 05. 2019.

Recebido para publicação em maio de 2023

Aceito para publicação em junho de 2023